

**SUBJETIVIDADE, TEMPORALIDADE E SÍNTESE PASSIVA DO TEMPO NA
FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE MERLEAU-PONTY**

Beatriz Viana de Araujo Zanfra¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é explicitar como Merleau-Ponty concebe, por meio da noção de “síntese passiva”, abordada no capítulo sobre a temporalidade do livro *Fenomenologia da Percepção*, a subjetividade como sendo a própria temporalidade, abordando também como o autor faz essa identificação entre sujeito e tempo sem tornar o sujeito um ser intratemporal e sem tornar o tempo um mero produto da consciência do sujeito, ou seja, mostrando como o autor francês estabelece uma relação que jamais se dá de maneira exterior entre os dois termos.

Palavras-chave: Temporalidade, Subjetividade, Síntese passiva

ABSTRACT: The aim of this study is explain how Merleau-Ponty conceives, by means of the concept of “passive synthesis”, discussed in the chapter about the temporality on the book *Phenomenology of Perception*, the subjectivity as temporality, discussing also how the author makes this identification between subject and time without making the subject an intratemporal being and without making the time a mere product of subject’s consciousness, that is, showing how the French author establishes a relation that never occurs in an outward manner between the two terms.

Keywords: Temporality, Subjectivity, Passive synthesis

O penúltimo capítulo do livro *Fenomenologia da Percepção*, de Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961), dedica-se ao tema da temporalidade. Ali, Merleau-Ponty afirma que a análise do tempo é aquilo que nos conduz à subjetividade, pois quando vivemos ou pensamos em nossas experiências sempre as dispomos segundo o antes e o depois, de modo que é “em virtude de uma necessidade interior”² que o sujeito é temporal. Assim, para Merleau-Ponty, “analisar o tempo não é tirar consequências de

1 Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. beatriz.zanfra@gmail.com

2 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 549.

uma concepção preestabelecida da subjetividade, é ter acesso, através do tempo, à sua estrutura concreta”³ e, para isso, nosso autor assevera que “é preciso compreender o tempo como sujeito e o sujeito como tempo”⁴.

A esse respeito, Luiz Damon Santos Moutinho observa que Merleau-Ponty demonstra uma dimensão do sujeito *a partir da temporalidade*: há uma “relação íntima” entre tempo e subjetividade, uma relação que não apenas coloca nossas experiências “segundo o antes e o depois”, mas que “faz da temporalidade a ‘forma do sentido interno’”⁵. É essa intimidade que nos “convida” a “fazer-nos do tempo e do sujeito uma concepção tal que eles se comuniquem do interior”⁶, uma intimidade entre tempo e sujeito que Merleau-Ponty explicita no capítulo “O *Cogito*” e que se refere, conforme Moutinho, a

(...) um Eu implicado em todo ato irrefletido, (...) um contato consigo mesmo implicado no contato com o mundo: todo ato envolve um contato pré-reflexivo consigo mesmo e, como [o] *Cogito* não se encerra nesse ato, ele é o horizonte desse ato, isto é, ele é temporal⁷.

Moutinho afirma ainda que isso não significa que Merleau-Ponty tenha atingido uma “profundeza da consciência que a revelaria como temporal”⁸, mas que “o ser no mundo e o ser para si têm a forma temporal”⁹, ou seja, Merleau-Ponty descreve “uma experiência e o sujeito dessa experiência como temporais”¹⁰.

Nesse sentido, é preciso esclarecer dois pontos. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que para Merleau-Ponty a temporalidade do sujeito não é uma simples justaposição de acontecimentos exteriores uns aos outros: ela é uma potência que,

3 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 550.

4 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 566.

5 MOUTINHO, *Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*, p. 244.

6 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 548.

7 MOUTINHO, *Tempo e sujeito: o transcendental e o empírico na fenomenologia de Merleau-Ponty*, p. 28.

8 Idem.

9 Idem.

10 Idem.

distanciando-se deles, os mantém juntos¹¹. Em segundo lugar, deve-se entender que essa subjetividade não é temporal no sentido empírico¹², pois se fosse seria preciso haver uma consciência atrás dela para reunir os estados de consciência que constituiriam a consciência do tempo, e uma outra atrás desta, e assim por diante. Essa consciência última deve ser, portanto, sem tempo, pois ela não pode ser intratemporal e porque no presente há um êxtase¹³ em direção ao porvir e ao passado que faz com que não haja separação entre as dimensões do tempo e assim “a subjetividade não está no tempo porque ela assume ou vive o tempo e se confunde com a coesão de uma vida”¹⁴. Ou seja, como veremos a seguir, Merleau-Ponty dá à fórmula husserliana da consciência do tempo uma interpretação heideggeriana.

Mas então como é possível que o sujeito seja o tempo sem que a consciência seja intratemporal e sem tornar o tempo um mero produto da consciência? Noutras palavras, dessa vez com Franck Robert, perguntamos: de qual temporalidade é o sujeito, se ele não é o ser da intratemporalidade? Iniciemos o caminho para as respostas.

Robert nos esclarece que a intratemporalidade pressupõe a temporalidade, afinal, se o sujeito fosse intratemporal, deveria haver, como já dissemos, uma outra consciência que teria consciência dos estados de consciência da sucessão temporal e outra para ter consciência dessa, e assim por diante. Robert entende que Merleau-Ponty

11 Aqui Merleau-Ponty faz referência aos estudos de Edmund Husserl sobre o tempo, principal fonte de onde o fenomenólogo francês tira sua teoria. *Grosso modo*, Husserl trata da temporalidade enquanto *consciência do tempo*, ou seja, de maneira fenomenológica, descrevendo a experiência que temos do tempo e, para isso, entre outras coisas, desenvolve um gráfico bidimensional para combater a representação do tempo como uma linha reta formada por vários pontos justapostos distintos uns dos outros, pois, para ele, a consciência do tempo é um *fluxo* que possui duas intencionalidades, as *retenções* e as *protensões*, que são, respectivamente, responsáveis por reter o passado “ele mesmo” sem confundi-lo com uma mera recordação de fatos passados e por ter uma certa antecipação do porvir que nos permita viver cada instante sabendo que é uma continuação do instante presente. Com essa representação da consciência do tempo, Husserl mostra que existe uma retomada constante do passado e que os instantes penetram-se uns nos outros, modificando-se continuamente, mas mantendo uma *unidade*, que é a unidade do fluxo. (Para maiores informações, cf. a segunda parte de HUSSERL, *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps*).

12 No texto citado na nota anterior, uma das primeiras providências de Husserl em sua análise é excluir o tempo empírico, pois se trata de falar de um tempo que está aquém de qualquer medida ou objetividade, de um tempo sentido que é um dado absoluto da consciência.

13 Nessa passagem Merleau-Ponty se refere a Heidegger, entendendo o *ek-stase* heideggeriano como “relação de transcendência ativa entre o sujeito e o mundo”. Cf. MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 576.

14 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 566.

se refere a Husserl para falar do tempo originário como fluxo da consciência para mostrar que, para que a subjetividade seja tempo sem ser intratemporal, é preciso haver uma consciência abaixo da qual não seja possível remontar, ou seja, que não seja pensada *no tempo* por outra consciência. Assim, Merleau-Ponty entende que dizer que o tempo não é constituído por uma consciência constituinte é o bastante para contestar qualquer interpretação idealista da constituição do tempo, bem como para contestar qualquer interpretação que faça do sujeito um ser intratemporal. Nesse sentido, a referência à estrutura retenção-protensão via êxtase temporal heideggeriano permite que compreendamos a subjetividade como tempo, já que “no” presente vivo há um êxtase no porvir e no passado que faz com que as dimensões do tempo apareçam como inseparáveis, de modo que se compreenda que a subjetividade não é *no tempo* porque ela o *assume* ou o *vive* e se confunde com a coesão de uma vida¹⁵.

No cerne disso está a noção de “síntese passiva” do tempo: Merleau-Ponty entende que, abaixo da “intencionalidade de ato”, que é a consciência tética de um objeto, é preciso reconhecer uma “intencionalidade operante”, que possibilita a intencionalidade de ato e é o que Heidegger chama de “transcendência”. Conforme Emmanuel de Saint-Aubert, em Merleau-Ponty essa intencionalidade é uma unidade de vida operante na qual se desempenha a coesão do movimento e da percepção, unidade cujo lugar e competência está no corpo¹⁶. Desse modo, para Merleau-Ponty o meu presente se ultrapassa rumo a um porvir e a um passado próximos, e os toca onde esse passado e esse porvir estão, e assim o passado não nos vem apenas em forma de recordações expressas, nós o sentimos “como um saber adquirido irrecusável”¹⁷. Assim sendo, a intencionalidade operante nos ajuda a entender como é possível que não seja preciso reunirmos, por um ato intelectual, uma série de *Abschattungen* (Perfis) do passado e do futuro, pois esses *Abschattungen* têm uma unidade *natural e primordial*, sendo que o passado e o futuro eles mesmos se anunciam nesses perfis. Essa então é a “síntese passiva do tempo”, na qual cada novo presente, em vez de *provocar* a

15 ROBERT, *Phénoménologie et ontologie*: Merleau-Ponty lecteur de Husserl e Heidegger, p. 123.

16 Cf. SAINT-AUBERT, *Le scénario cartésien*: recherches sur la formation et la cohérence de l'intention philosophique de Merleau-Ponty, p. 144.

17 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 561.

compreensão do passado e um despertar do futuro, é a própria passagem de um futuro ao presente e do presente antigo ao passado, sendo então *com um só movimento* que o tempo se move. Noutras palavras,

(...) os “instantes” A, B, C não *são* sucessivamente, eles *se diferenciam* uns dos outros e, correlativamente, A passa para A' e dali para A". Enfim, o sistema das retenções, a cada instante, recolhe em si mesmo aquilo que, um instante antes, era o sistema das protensões. Ali não existe uma multiplicidade, mas um só fenômeno de escoamento¹⁸.

Antes de qualquer coisa, é preciso ressaltar que a síntese passiva reenvia à síntese perceptiva: segundo Robert, o momento retido que sofre modificação retencional não é, já desde Husserl, um *ponto*. Ele é um *campo*, ou seja, o momento retido e modificado é um momento perceptivo que abre um campo espacial e prático e, ao descrever a relação com os momentos precedentes como momentos que *temos em mãos*, Merleau-Ponty encontra uma maneira de dizer que é primeiramente *com nosso corpo* que experienciamos o tempo. Assim Merleau-Ponty desloca as descrições husserlianas da percepção, mostrando que ela é outra coisa que um simples conhecimento, já que com isso mostra-se que as retenções e as protensões estão ancoradas em um ambiente e que, portanto, só têm sentido segundo a presença do sujeito ao mundo¹⁹.

Segundo Marcus Sacrini Ayres Ferraz, a síntese passiva está, para Merleau-Ponty, na intencionalidade corporal, o que não significa que se trate de uma espécie de “consciência passiva”, mas do “corpo em suas atividades anônimas que demarcam, ao estabelecerem a relação humana com o meio, o verdadeiro transcendental”²⁰. Isso é importante para Merleau-Ponty desde *A Estrutura do Comportamento*, obra que, junto com *Fenomenologia da Percepção*, mostra que Merleau-Ponty destaca o “duplo papel do corpo próprio: abertura às generalidades pré-objetivas e sistema instituinte de um mundo humano”²¹, ou seja, Ferraz entende que para Merleau-Ponty “os fenômenos se

18 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 561-562.

19 Cf. ROBERT, *Phénoménologie et ontologie: Merleau-Ponty lecteur de Husserl e Heidegger*, p. 108.

20 FERRAZ, Notas sobre a passividade em Merleau-Ponty, p. 68.

21 FERRAZ, Notas sobre a passividade em Merleau-Ponty, p. 69.

apresentam segundo uma linguagem própria, compreendida por nosso corpo. Há uma ligação do corpo com a paisagem mundana que não passa pelo trabalho das categorias subjetivas”²².

Desse modo, Merleau-Ponty diz que com uma síntese meramente intelectual não haverá tempo, pois se cada momento for identificado intelectualmente como, por exemplo, um ponto A, B ou C, poderemos nos salvar do embaralhamento deles, mas, ao mesmo tempo, perderemos o *deslizamento* que é o movimento que nos dá o sentido do antes e do depois, e tornaremos a série temporal igual a uma multiplicidade espacial. Por isso, as sínteses de identificação temporal existem, mas apenas “na recordação expressa e voluntária do passado distante, quer dizer, nos modos derivados da consciência do passado”²³. Merleau-Ponty ainda afirma:

Por exemplo, hesito sobre a data de uma recordação, tenho diante de mim uma certa cena, não sei em que ponto do tempo prendê-la, a recordação perdeu sua ancoragem, posso então obter uma identificação intelectual fundada, por exemplo, na ordem causal dos acontecimentos: mandei fazer este traje antes do armistício, já que logo depois não se encontravam mais tecidos ingleses. Mas, neste caso, não é o próprio passado que eu atinjo. Ao contrário, quando reencontro a origem concreta da recordação, é porque esta se recoloca em uma certa corrente de temor e de esperança que vai de Munique à guerra, é porque encontro o tempo perdido, é porque, desde o momento considerado até meu presente, a cadeia das retenções e o encaixe dos horizontes sucessivos asseguram uma passagem contínua²⁴.

Para Carlos Alberto Ribeiro de Moura, em Merleau-Ponty o passado não é *realmente imanente* ao presente, pois se assim fosse ele não seria passado, mas também não é *realmente transcendente*, já que não há nenhuma “distinção real” entre ambos: “o passado é exatamente uma ‘transcendência imanente’ ao meu presente”²⁵. A síntese temporal tem, portanto, uma “unidade natural”:

22 FERRAZ, Notas sobre a passividade em Merleau-Ponty, p. 69.

23 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 560.

24 Idem.

25 MOURA, *Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*, p. 263.

O novo presente C é a passagem de um futuro ao presente e do antigo presente ao passado. Correlativamente, A, que tinha se tornado A' em B, torna-se A". A, A' e A" não são ligados entre si por uma síntese de identificação, mas por uma "síntese de transição", já que eles "saem uns dos outros". Se bem que A e B não sejam indiscerníveis, eles *passam* um no outro e A torna-se B, porque A não é *senão* a antecipação de B como presente e de sua própria passagem ao passado²⁶.

Continuando no comentário de Moura, isso quer dizer que cada presente reafirma o passado e antecipa o futuro. O presente não se fecha em si mesmo, ele se transcende para um futuro e um passado, de modo que não é preciso que haja uma síntese para reunir *do exterior* os momentos do tempo e transformá-lo num tempo único, já que "cada momento já compreende em si mesmo a série dos outros momentos e se comunica interiormente com eles. Por isso o tempo está 'quase-presente' em cada uma de suas manifestações"²⁷ e por isso também a percepção pode ser vista como fenômeno *temporal*, uma vez que, assim como cada momento do tempo se comunica interiormente com todos os outros, na percepção cada aspecto perceptivo dado também se comunica com todos os outros, sem necessidade de haver uma síntese exterior que reúna todos esses aspectos numa mesma coisa²⁸.

Merleau-Ponty ainda afirma enfaticamente várias vezes ao longo do texto de *Fenomenologia da Percepção* que a temporalidade é a subjetividade, chegando à conclusão de que a passagem de um presente a outro presente não é de modo algum *pensada*, mas *efetuada*. O tempo, portanto, não é *para* alguém, mas é *alguém*, ou seja, as dimensões temporais exprimem "todas uma só dissolução ou um só ímpeto que é a própria subjetividade"²⁹. Isso nos permite entender o que Merleau-Ponty quer dizer mais adiante quando afirma que o tempo é "afecção de si por si", já que ele, o tempo, é o afetado (enquanto série desenvolvida de presentes) e o afetante (enquanto ímpeto e passagem a um porvir) simultaneamente e a transição de presente a presente, que é o

26 Idem.

27 Idem, p. 263-264.

28 Cf. Idem, p. 264.

29 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 566.

ímpeto do tempo, se dá devido ao *ek-stase* que é a subjetividade³⁰. Dessa maneira, ao falar em síntese passiva, Merleau-Ponty quer dizer que “o múltiplo é penetrado por nós e que, todavia, não somos nós que efetuamos sua síntese”³¹, ou seja, nós vivemos cada presente e a passagem de um presente a outro presente, porém isso é feito de maneira antes *perceptiva* do que intelectual, a passagem do tempo não é uma operação ativa da consciência. E ainda:

(...) é visível que eu não sou o autor do tempo, assim como não sou autor dos batimentos de meu coração, não sou eu quem toma a iniciativa da temporalização; eu não escolhi nascer e, uma vez nascido, o tempo funde-se através de mim, o que quer que eu faça. E todavia este jorrimento do tempo não é um simples fato que eu padeço, nele posso encontrar um recurso contra ele mesmo, como acontece em uma decisão que me envolve ou em um ato de fixação conceptual. Ele me arranca daquilo que eu ia ser, mas ao mesmo tempo me dá o meio de apreender-me à distância e de realizar-me enquanto eu³².

Aqui vemos, baseando-nos novamente nos comentários de Ferraz, que reaparece o duplo papel do corpo, o da “abertura passiva às generalidades pré-objetivas e sistema instituinte da atividade livre humana”³³. As dimensões ativa e passiva não devem ser compreendidas como uma atividade unida a uma passividade, mas como inteiramente ativas e inteiramente passivas, de modo que o tempo é o que faz essa junção, que é a junção entre o para-si e o ser no mundo. O corpo acaba sendo, portanto, o lugar da existência generalizada que é a base por meio da qual a existência subjetiva se manifesta. Há uma interpenetração entre a corporeidade e a existência subjetiva que impede que elas sejam descritas como duas ordens separadas, uma humana e outra biológica: “toda conduta humana deve algo ao ser biológico e toda vida biológica já

30 Como já vimos, a subjetividade é *ek-stase* porque ela é saída de si, abertura a um Outro. Assim, o tempo é sujeito enquanto apreensão de por si de sua própria diferença e o sujeito é tempo enquanto aquilo que é *ek-stático*, que está fora de si. Cf. ROBERT, *Phénoménologie et ontologie*: Merleau-Ponty lecteur de Husserl et Heidegger, p. 123.

31 MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 572.

32 Idem, p. 576.

33 FERRAZ, Notas sobre a passividade em Merleau-Ponty, p. 71.

apresenta algum traço humano”³⁴. Assim, Merleau-Ponty teve de demonstrar que o tempo é uma dimensão do corpo para que a relação entre ordem humana e ordem biológica fosse compreensível sem que essas duas ordens fossem tomadas como apenas justapostas uma à outra. Ferraz também observa que, no capítulo “O Sentir”, Merleau-Ponty faz a relação entre tempo e corpo, dizendo que o corpo *faz* o tempo ao invés de sofrê-lo, o que quer dizer que “a temporalidade deve ser compreendida como mais uma dimensão por meio da qual o ser no mundo organiza significativamente o campo fenomenal”³⁵. Dessa maneira, a consciência de si pode se relacionar ao corpo sem ser um princípio essencialmente diferente dele, de modo que, para que essa relação seja possível nesses termos, “o tempo deve ser tomado como um tempo pré-pessoal que repousa sobre si próprio, uma potência de diferenciação dos instantes no seio da qual brota a subjetividade”³⁶. Assim, sendo afecção de si a si, a temporalidade, em sua interpenetração de um momento a outro, “apresenta-se como o primeiro esboço da subjetividade”³⁷ e a atividade do sujeito se confunde com a passagem dos instantes, mas sempre de maneira passiva:

A atividade subjetiva se confunde com o campo presente pelo qual os instantes fluem e se cristalizam, mas ela não é senão essa própria passagem, que jorra, por sua vez, passivamente. É como se o poder volitivo individual se confundisse com a forma presente do fluxo do tempo (...). A diferença é que essa forma do presente é seu “lugar natural” e, enquanto o corpo sustentar a passagem temporal, pelo próprio movimento de descentramento entre os instantes, escavar-se-á uma interioridade subjetiva, expressão do fluxo espontâneo do tempo³⁸.

Do ponto de vista de *Fenomenologia da Percepção*, a questão parece estar resolvida: a síntese passiva nos permite compreender como o sujeito pode ser temporalidade sem com isso ser autor do tempo. No entanto, gostaríamos de finalizar nosso texto destacando um comentário de André Green, feito num artigo no qual

34 Idem, p. 72.

35 Idem, p. 73.

36 Idem.

37 Idem.

38 Idem.

discorre sobre o itinerário filosófico de Merleau-Ponty. No artigo em questão, Green destaca que Merleau-Ponty encontrou em Husserl uma maneira de dar conta, sob uma formulação mais moderna do que a de Descartes, da organização do corpo bem como de uma “arqueologia” como fundamento primeiro de todo conhecimento. Merleau-Ponty também vê em Husserl a estrutura do Eu se apresentando como uma *unidade* que se liga por meio de sínteses unificantes e o estudo dessas sínteses reenvia a uma realidade de um tipo especial que se chama “arqueologia”, ou “síntese passiva”, ou “*a priori* inato”, ou ainda “camada profunda do mundo primordial”, noções que são sem dúvida o cordão umbilical dos últimos pontos de vista de Merleau-Ponty. Conforme Green, Husserl nota que o *cogito* que se engaja na reflexão natural é “interessado” ao mundo, ao passo que o *cogito* da reflexão transcendental se coloca “em posição de espectador desinteressado, de kosmotheoros, posição da qual Merleau-Ponty contestará a validade”³⁹.

No entanto, questiona Green, será que a descoberta da “síntese passiva”, esse rumor incessante anterior a toda reflexão, é compatível com a atitude de destacamento e desinteresse do mundo reivindicada por Husserl? Green trabalha com as *Meditações Cartesianas* de Husserl em sua exposição, e conclui sua análise do texto husserliano afirmando que Husserl fica diante de uma contradição que não é explicitada: ele está “obrigado a se defender de novo contra a objeção que verá em sua reflexão uma manifestação do solipsismo”⁴⁰: apesar de ter escrito que “a aparência do solipsismo está dissipada”, Husserl, aos olhos de Green, nos inclina a pensar numa radicalização da posição cartesiana, já que na mesma passagem também se lê: “a ideia segundo a qual *tudo o que eu conheço – eu, o ego transcendental – eu o conheço como existente partindo de mim-mesmo* e tudo o que eu explicito, *como constituído em mim-mesmo*, deve *pertencer a mim-mesmo, a meu ser próprio, é uma ilusão*”⁴¹.

Porém Green observa que essa virada decisiva acompanha a seguinte conclusão: “a aparência do solipsismo é dissipada *se bem que* continua verdadeiro que tudo o que existe para mim só pode pensar seu sentido existencial em mim na esfera de

39 GREEN, Du comportement à la chair: itinéraire de Merleau-Ponty, p. 290.

40 Idem, p. 293.

41 HUSSERL *apud* GREEN, Du comportement à la chair: itinéraire de Merleau-Ponty, p. 293.

minha consciência”⁴². Assim, de duas uma: ou é essa contradição que Merleau-Ponty terá tido intenção de radicalizar ou então é a conclusão de Husserl que é verdadeira e então nesse caso, no entender de Green, a consciência continua soberana sem se preocupar com o resto e Merleau-Ponty continua seguindo o risco de cair no solipsismo. Para Green, a real solução para isso vem na última fase da obra merleau-pontiana, anunciada no livro *Signos* e aprofundada no livro póstumo *O Visível e o Invisível*, livro este no qual Merleau-Ponty, mais do que aprofundar, se dedica sobretudo a *retificar* suas teses.

Traremos agora algumas linhas sobre o problema do tempo em *O Visível e o Invisível*. Nesse livro, Merleau-Ponty afirma, sobre a percepção que temos das coisas, que estas repousam em si mesmas e parecem plenas, como se nossa percepção delas se fizesse nelas. Assim, exprimir nossa experiência da percepção das coisas dizendo que nós nos fundimos com elas é tornar essa experiência impossível, “pois, à medida que nos aproximamos das coisas, paro de ser, à medida que sou; não há a coisa, mas somente seu dúplice no meu ‘quarto escuro’”⁴³. Ou seja, para Merleau-Ponty a percepção, no momento em que vai se tornar “percepção pura, coisa, Ser, ela se apaga; no momento em que se acende, não sou mais a coisa”⁴⁴. O mesmo acontece com o passado: não há coincidência real com ele:

Se a lembrança pura é o antigo presente conservado e se, na rememoração, volto a ser verdadeiramente o que fora, não se vê como poderia abrir-me à dimensão do passado; se, inscrevendo-se em mim, cada presente perde sua carne, se a pura lembrança em que se transmuda é um invisível, há então um passado, mas não coincidência com ele, estou separado dele por toda a espessura de meu presente, o passado só é meu se aí encontra lugar de alguma maneira, fazendo-se de novo presente⁴⁵.

Merleau-Ponty elimina a hipótese da coincidência entre coisa e consciência da coisa, assim como a coincidência entre passado e consciência do passado, pois para ele

42 HUSSERL *apud* GREEN, Du comportement à la chair: itinéraire de Merleau-Ponty, p. 293.

43 MERLEAU-PONTY, *O Visível e o Invisível*, p. 120.

44 Idem.

45 Idem.

“a experiência de uma coincidência só pode ser (...) coincidência parcial”⁴⁶, ou seja, coincidência sempre já superada ou futura:

Uma experiência que se lembra de um passado impossível, antecipa um futuro impossível, que emerge do Ser ou que vai incorporar-se nele, que “está nele” mas não é ele, não sendo, pois, coincidência, fusão real, como a de dois termos positivos ou dois elementos de um amálgama, mas recobrimento, como o de um sulco e um relevo que permanecem distintos⁴⁷.

Agora é necessário para Merleau-Ponty que haja uma *distância* entre nós e o passado, uma distância que seja também abertura a ele:

O que é dado, por conseguinte, não é a coisa nua, o passado como foi em seu tempo, mas (...) o passado tal como foi um dia *mais* uma alteração inexplicável, uma estranha distância – vinculada, de princípio e de fato, a uma lembrança que a transpõe sem a anular. Não há, pois, uma coincidência de princípio ou presuntiva ou uma não-coincidência de fato, uma verdade má ou fracassada, mas uma não-coincidência privativa, uma coincidência de longe, uma distância, e alguma coisa como um “erro bom”⁴⁸.

O que Merleau-Ponty busca agora é uma descrição da experiência que não seja fusão nem coincidência com a coisa e com o passado, mas uma filosofia que dê conta da diferença, da distância, da espécie de deiscência que fende o corpo em dois e, “entre ele olhando e ele olhado, ele tocando e ele tocado, há recobrimento e imbricação sendo, pois, mister dizer que as coisas passam por dentro de nós, assim como nós por dentro das coisas”⁴⁹.

Referências

46 Idem.

47 Idem, p. 120-121.

48 Idem, p. 122.

49 Idem, p. 121.

- FERRAZ, M. S. A. Notas sobre a passividade em Merleau-Ponty. *Trans/Form/Ação*. Marília, v. 26, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/855/750>>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- GREEN, A. Du comportement à la chair: itinéraire de Merleau-Ponty. In: SAINT-AUBERT, E. de (org.). *Maurice Merleau-Ponty*. Paris: Hermann Éditeurs, 2008, p. 279-330.
- HUSSERL, E. *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps*. Tradução de Henri Dussort. Paris: PUF, 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Arthur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MOURA, C. A. R. de. *Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora da UFPR, 2001.
- MOUTINHO, L. D. S. *Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 2006.
- _____. Tempo e sujeito: O transcendental e o empírico na fenomenologia de Merleau-Ponty. *DoisPontos*, [S.l.], v.1, n.1, mar. 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/doispontos/article/view/1919/1604>>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- ROBERT, F. *Phénoménologie et ontologie: Merleau-Ponty lecteur de Husserl e Heidegger*. Paris: L'Harmattan, 2005.
- SAINT-AUBERT, E. de. *Le scénario cartésien: Recherches sur la formation et la cohérence de l'intention philosophique de Merleau-Ponty*. Paris: Vrin, 2005.